

# MUN



Reprodução

Índia fornece mais de 500 mil engenheiros de computação por ano

## GLOBALIZAÇÃO

### O trabalho intelectual migra para as novas colônias

Uma nova estrutura colonial pode estar se consolidando. O processo começou com a indústria manufatureira e teve seu ápice nos anos 1990, quando milhares de postos de trabalho foram transferidos dos países centrais para a periferia. Agora, é a vez do setor de tecnologia e de finanças, onde se criam os chamados “empregos de colarinho branco”. Usufruindo a mão-de-obra qualificada existente em alguns países subdesenvolvidos, além da infra-estrutura de informática e comunicações, a descentralização das transnacionais atinge agora os setores de desenvolvimento e inteligência. Poderia ser uma boa notícia para os países pobres, mas não é. O problema é que os trabalhadores destas nações ganham entre cinco a dez vezes menos que os dos países cen-

trais. Um criador de *software* ganha, em média, US\$10 mil por ano na Índia. Nos EUA, o salário para a mesma função é US\$ 66 mil. A diferença vai direto para o bolso das grandes corporações. Os países onde mais cresceu a oferta de emprego foram Índia, China e os países do sudeste asiático. Em todos eles aumentou consideravelmente, durante a década de 1990, o número de bacharéis, mestres e doutores formados. Só a Índia fornece ao mundo, anualmente, mais de meio milhão de engenheiros da computação. Nos países desenvolvidos, a “nova” organização do trabalho provoca a criação de duas castas. Uma, dominante e pouco numerosa, é formada por aqueles que conseguiram ocupar os poucos postos de direção. Outra, gigantesca e empobrecida, é formada por trabalhadores mal remunerados (não necessariamente desqualificados), que ocupam os empregos de menor prestígio.

**NOVO COLONIALISMO** “Nossas tecnocorporações são os poderes coloniais contemporâneos”, afirma Dion Dennis, autor do artigo “The digital death rattle of the american middle class: a cautionary tale” ([www.cttheory.net/text\\_file.asp?pick=402](http://www.cttheory.net/text_file.asp?pick=402)). Segundo ele, as transnacionais absorveram o modelo de dominação tradicional do colonialismo.

De acordo com Dennis, a migração de postos de trabalho só pode acon-

tecer porque, embora as empresas tenham raízes históricas e culturais em seus lugares de origem, o comprometimento com valores sociais é mera propaganda. A elas não importa que a economia de seus países sofra com a perda de empregos. O único objetivo é aumentar as margens de lucro e a participação no mercado no curto prazo.

Nas novas colônias, um dos principais atrativos também é a falta de organização da força de trabalho. Ela é jovem e não se acostumou a exigir as mesmas garantias trabalhistas dos empregados dos EUA, por exemplo.

Mas não só o emprego é transferido para as colônias. Junto com ele, precisa ser incutida a ideologia neoliberal. Se a cultura, a história ou as fronteiras das colônias não servirem aos propósitos de alta lucratividade, elas serão substituídas por um tipo de darwinismo social – a idéia de que apenas os melhores e os mais competitivos sobreviverão. Uma das faces da ideologia neoliberal aplicada ao mundo do trabalho foi o mito da educação continuada, do aperfeiçoamento constante do trabalhador. Para se inserir no mercado, era preciso nunca parar de estudar. A culpa do desemprego foi transferida para o indivíduo, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos. No entanto, a recessão do início do século XXI desempregou



## Notícias do Mundo

todos, inclusive os “qualificados”. No fim do ano passado, mais da metade das 500 maiores empresas listadas pela revista *Fortune* já havia transferido um número significativo de postos de trabalho intelectual para outros países.

*Rafael Evangelista*



Reprodução

Proteção contra invasores:  
da Idade Média à atualidade

### GEOPOLÍTICA

## Os diferentes muros sociais que se erguem no mundo contemporâneo

As cidades muradas da Idade Média eram constituídas para proteger suas comunidades do invasor, da barbárie. Os muros de nossa história contemporânea – construídos por Israel na Cisjordânia, no lado leste da Palestina e pelos Estados Unidos, na fronteira com o México – por trás de uma função comum, que é

“tentar impedir, de modo absoluto, a transposição, pela população, da fronteira entre duas unidades políticas distintas”, diferenciam-se do seu congêneres mais famoso de nosso passado recente, o muro de Berlim. Na análise dos geógrafos Ricardo Castillo (da Unicamp) e Ricardo Mendes Antas Junior (da Unifio), apesar das conseqüências trágicas, o muro de Berlim derivou-se de um período histórico de equilíbrio político – a Guerra Fria – entre duas potências: os EUA e a União Soviética. Já os atuais, em território palestino e mexicano, representam a exacerbação do poder, “a tirania de poderes desmedidos e sem peias”. As fronteiras, obsoletas no conceito popular da globalização, estão longe de acabar, mas passam por uma profunda reformulação, avaliam os pesquisadores. “Conforme várias vezes afirmou o geógrafo Milton Santos – pensador atual que melhor refletiu sobre o tema – da mesma forma que as fronteiras podem ser um instrumento de coação e controle, também se apresentam como instrumento de proteção e de emancipação das sociedades nacionais”, afirmam. Pouco comentado, o “muro do México” (ou “muro do Império”, como preferem alguns) que separa este país dos Estados Unidos, vai da praia de Tijuana, no

Oceano Pacífico, e se estende sem interrupção por toda a fronteira entre os dois países até chegar no rio Grande. Começa a 150 metros mar adentro, como uma armação de 8 metros de altura de barras de aço e concreto, e se transforma numa linha de alambrados, paredes de concreto ou marcas de pedra. Alguns pontos estratégicos são vigiados com rigor, usando-se de câmeras, luzes e sensores eletrônicos, controlados pela polícia de fronteira. Estudos da Universidade de Houston mostram que de 1994 até hoje morreram mais de 2,2 mil pessoas tentando atravessar a fronteira. O ano de 1994 marca a criação da Operation Gatekeeper, na Califórnia, especializada na vigilância da fronteira. Até aquele ano, o número de mortes vinha diminuindo, mas passa a crescer em 1995. Um aumento significativo é registrado entre os anos de 1999 e 2000, pulando de 250 para mais de 350 mortes por ano. Em quase 30 anos de história, morreram entre 800 e 1 mil pessoas tentando atravessar o muro de Berlim. Para Castillo e Antas, o muro entre o México e os Estados Unidos é apenas a evidência concreta que separa o mundo subdesenvolvido do desenvolvido de modo geral. “É o caso mais